

SOROPREVALÊNCIA DE DOENÇA DA LÍNGUA AZUL E DOENÇA EPIZOÓTICA HEMORRÁGICA EM CERVÍDEOS DO GÊNERO MAZAMA NA REGIÃO SERRANA DO ESTADO DE SANTA CATARINA - BRASIL

Aury Nunes de Moraes¹, Daniel Angelo Felippi², Maria Helena Mazzoni Baldini³, Zalmir Silvino Cubas⁴, Wanderlei de Moraes⁴, Nilson Oleskovicz⁵, Zélia Ines Portela Lobato⁶, Júlio César Câmara Rosa⁷.

¹ Orientador, Departamento de Medicina Veterinária, CAV – aury.moraes@udesc.br

² Acadêmico(a) do Curso de Medicina Veterinária, CAV - bolsista PIBIC/CNPq

³ Mestrando (a) em Ciência Animal, CAV

⁴ MV do Refúgio Biológico Bela Vista – ITAPU BINACIONAL

⁵ Professor participante do Departamento de Medicina Veterinária, CAV

⁶ Professor (a) participante do Departamento de Medicina Veterinária, UFMG

⁷ Doutorando (a) do curso de Ciência Animal da Escola de Veterinária, UFMG

Palavras-chave: Cervídeos. Língua azul. Orbivirus.

A língua azul (LA) e a doença epizootica hemorrágica (DEH) são doenças virais, infecciosas, não contagiosas transmitidas por insetos hematófagos do gênero *Culicoides*. O vírus da língua azul (VLA) pode causar doença grave em certas raças de ovinos e em alguns cervídeos, mas raramente causa doença em bovinos, caprinos e na maioria dos ruminantes silvestres (Gibbs e Greiner, 1994). A DEH acomete preferencialmente ruminantes selvagens, sendo a família *Cervidae* a mais atingida, porém há relatos na literatura de casos acometendo bovinos e ovinos (Werther, 2014). Estas enfermidades são causadas por *Orbivirus* da família *Reoviridae*, sendo caracterizada por congestão, edema e hemorragia. Os métodos de diagnóstico laboratorial da LA recomendados pela OIE baseiam-se no isolamento e identificação do agente e em testes sorológicos, podendo-se utilizar, neste último caso, as técnicas de imunoensaio enzimático competitivo (cELISA), imunodifusão em gel de ágar (IDGA), soroneutralização e fixação de complemento (FC) (LOBATO, 1999). Este estudo tem como objetivo de determinar a soroprevalência de doença de língua azul e doença epizootica hemorrágica em cervídeos de cativeiro que residem no Refúgio Biológico Bela Vista – ITAPU BINACIONAL, em Foz do Iguaçu, Paraná. Para realização do estudo foram utilizados 32 animais da espécie *Mazama nana*, sendo 10 machos e 22 fêmeas, com idade variando de 1 mês a 14 anos e as amostras coletadas entre os meses de fevereiro e março de 2015. Foi necessário fazer a contenção química dos animais com auxílio de dardos anestésicos e para cada animal capturado foi feita uma ficha anestésica informando peso, sexo, idade, número do brinco e do microchip além de registros com os parâmetros vitais como: frequência cardíaca, frequência respiratória e temperatura retal. Durante o período em que os animais permaneceram sedados foi feita coleta de sangue em tubos contendo EDTA e em tubos sem anticoagulante para realização exames hematológicos, sorológicos e bioquímicos. Posteriormente, os animais foram colocados em caixas de madeira até a completa recuperação anestésica e por fim, soltos novamente nos recintos. As amostras

armazenadas em tubos sem anticoagulante foram submetidas à prova de IDGA para detecção de anticorpos contra o vírus da língua azul, na Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O mesmo procedimento será realizado para detecção de anticorpos da DEH, porém o mesmo ainda não pode ser realizado pela dificuldade em obter o antígeno. Os resultados demonstraram que apenas um cervídeo (3,12%) apresentou anticorpos para o vírus de língua azul, porém outras 4 amostras (12,5%) tiveram resultados inconclusivos e o teste será repetido em breve. Sabe-se que o teste de imunodifusão em gel de ágar (IDGA) não é o melhor método diagnóstico para língua azul por ser possível ocorrer reação cruzada com doença epizootica hemorrágica, impossibilitando distinguir o agente envolvido de forma contundente. A duração da fase virêmica, nas diferentes espécies hospedeiras, tem relação direta com a importância de cada espécie na epidemiologia do vírus. Os bovinos, apesar de a infecção ser assintomática, são considerados importantes reservatórios do vírus em virtude do longo período da fase virêmica e dos altos títulos virais durante esse período (Ward et al., 1994). Já os cervídeos e ovinos, embora mais susceptíveis à infecção e ao desenvolvimento da doença clínica, provavelmente não são essenciais à manutenção do vírus. A baixa prevalência de animais positivos encontrados neste estudo pode estar associada à alta letalidade da doença, com isso, os cervídeos que entram em contato com o VLA de fato vêm a óbito em pouco tempo. Pesquisas com soroprevalência em ruminantes silvestres são escassas. Em um estudo com veados campeiros do Pantanal argentino, Uhart et al. (2003) não encontraram sorologia positiva para o BTV em 14 animais. No Pantanal boliviano, Deem et al. (2004) estudaram 15 veados catingueiros (*Mazama gouazoubira*), e também não encontraram resultados positivos. Considerando que os insetos são os principais transmissores da LA e DEH, a distribuição e prevalência das doenças também dependem de fatores ecológicos como: a pluviosidade, temperatura, umidade e características do solo, tendo por isso uma ocorrência sazonal em várias partes do mundo (OIE, 2009). Com este trabalho concluiu-se que as populações de cervídeos cativos estão sendo expostas a Orbivírus não sendo possível afirmar se são portadores de LA ou DEH, já que é possível ocorrer reação cruzada no teste de IDGA, mas se este for associado a testes moleculares pode auxiliar na epidemiologia destas doenças. Contudo ainda são necessários mais estudos para determinar a real prevalência de língua azul e doença epizootica hemorrágica em ruminantes silvestres.